

# Mounier e a condição da mulher

## *Mounier and the condition of the woman*

## *Mounier y la condición de la mujer*

Balduino Antonio Andreola<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v22i45.961>

**Resumo:** Em 1936, saiu um número de *Esprit* intitulado *A mulher também é uma pessoa*, com artigo no qual Mounier denuncia que houve revoluções contra a opressão dos proletários, mas nenhuma em defesa de um proletariado muito maior, o das mulheres. Contra a rejeição quase geral, 13 anos após, vê positivamente, embora com reservas, o livro de S. Beauvoir *O Segundo Sexo*. Retoma o tema “a condição da mulher” nos livros *Manifesto a serviço do Personalismo*, *Tratado do caráter*, *Quando a cristandade morre*, *O Personalismo*. As posições de Mounier em defesa da dignidade da mulher e suas denúncias dos preconceitos da época contra ela e das concepções da Igreja, justificando seu confinamento doméstico e sua total submissão ao homem, são amplamente resgatadas por estudiosos como Giulia P. Di Nicola, Michelle Perrot e Attilio Danese. Sua visão de mundo e de Igreja fazem-no precursor leigo do Vaticano II. A mulher que busca sua libertação como indivíduo, enfrentará, mesmo na liberdade conquistada, os limites e as amarras do individualismo, se não puder abrir-se, como pessoa, à alteridade e à transcendência, na plenitude de sua vocação humana.

**Palavras-chave:** Mounier; condição da mulher; discriminação e dignidade.

**Abstract:** In 1936 an issue of *Esprit* entitled: *The woman is also a person*, with an article in which Mounier denounces that there have been revolutions against the oppression of the proletarians, but none in defense of a much larger proletariat, the one of the women. Against the rejection almost general, 13 years after, he sees it positively, albeit with reservations, the book by S. Beauvoir: *The Second Sex*. He resumes the theme “the status of women” in these books: *Manifest to the service of Personalism*, *Treaty of character*, *When Christianity dies*, *Personalism*. Mounier’s positions in defense of the dignity of the woman and his denounces to the prejudices of the time against her and to the conceptions of the Church, justifying her domestic confinement and her total submission to man, are widely rescued by scholars as Giulia P. Di Nicola, Michelle Perrot and Attilio Danese. His worldview and of Church make him a layman precursor of Vatican II. The woman who seeks his release as an individual, will face even in the conquered freedom, the limits and the bonds of individualism, if it can not be opened, as a person, to otherness and transcendence, in the fullness of their human vocation.

**Key words:** Mounier; status of women; oppression; discrimination and dignity.

**Resumen:** En 1936 fue publicado un número de *Esprit* titulado *La mujer también es persona*, con un artículo en el que Mounier denuncia que hubo revoluciones contra la opresión de los proletarios, pero ninguna en defensa de un proletariado mucho más grande, el de las mujeres. Contra el rechazo casi general, 13 años después, ve positivamente, si bien con reservas, el libro de S. Beauvoir *El Segundo*

---

<sup>1</sup> Centro Universitário La Salle (Unilasalle), Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil.

**Sexo.** Retoma el tema “la condición de la mujer” en los libros *Manifiesto a servicio del Personalismo*, *Tratado del carácter*, *Cuando muere la cristiandad*, *El Personalismo*. Las posiciones de Mounier en defensa de la dignidad de la mujer y sus denuncias de los prejuicios de la época contra ella y de las concepciones de la Iglesia, justificando su confinamiento doméstico y su total sumisión al hombre, son ampliamente rescatadas por investigadores como Giulia P. Di Nicola, Michelle Perrot y Attilio Danese. Su visión de mundo y de Iglesia lo hacen precursor lego del Vaticano II. La mujer que busca su liberación como individuo, enfrentará, mismo en la libertad conquistada, los límites y las amarras del individualismo, si no se puede abrir, como persona, a la alteridad y a la transcendencia, en la plenitud de su vocación humana.

**Palabras-clave:** Mounier; condición de la mujer; discriminación y dignidad.

## 1 INTRODUÇÃO

No mês de junho de 1936, treze anos antes que Simone de Beauvoir publicasse o best seller *O Segundo Sexo*, saiu um número especial da revista *Esprit*, dedicado à “questão feminina”. Aquele número traz o título “La femme aussi est une personne” (A mulher também é uma pessoa). Título que Giulia Paola Di Nicola, uma das maiores estudiosas hoje dessa problemática, denomina “o grito” de Mounier, “[...] como para salientar que não podia mais permanecer implícita a realidade da igualdade entre o homem e a mulher” (DI NICOLA, 2005, p. 221).

Em outubro do mesmo ano, o artigo apareceria, com alguns retoques, em seu livro *Manifiesto ao serviço do Personalismo*. Naquele “manifesto” de Mounier na revista *Esprit* e, logo em seguida, no livro, creio que nenhum dos estudiosos ou estudiosas de Mounier deixa de citar em destaque aquela que historicamente se configura como a denúncia mais veemente dele sobre a questão da mulher:

A opinião pública parece formular somente problemas de homens, onde só os homens têm a palavra. Algumas centenas de milhares de operários, em cada país, subvertem a história porque tomaram consciência da sua opressão. Um proletariado espiritual cem vezes mais numeroso, o da mulher, continua sem que isso cause admiração, fora da história. (MOUNIER, 1967, p. 150).

O título do livro pode soar talvez ambíguo, como se “manifesto” fosse “a serviço” de uma filosofia, o “Personalismo”. Na verdade Mounier escreve impelido pela utopia urgente de uma nova civilização “personalista e comunitária”, frente a uma civilização já então em crise, que se caracterizava, na Europa, como “niilismo”. Ele já escrevera, no ano anterior, outro livro intitulado precisamente *Revolução personalista e comunitária* (MOUNIER, 1963). E em seu livro derradeiro *O Personalismo*, em 1949, que representa não apenas a síntese de seu pensamento, mas de toda a

sua luta, visando à construção de uma nova civilização, face a uma civilização decadente e desumana, ele intitula a segunda parte “O Personalismo e a revolução do século XX”. Foi em torno dessa ideia de uma revolução necessária do século XX que ele congregou um grupo numeroso de grandes intelectuais, com a fundação, em 1932, da revista *Esprit*. O tema da mulher e de sua urgência, Mounier não o abordou academicamente, isolado desse contexto histórico e dessa utopia revolucionária. Nesse sentido, a abordagem dele não é apenas de vanguarda, revestindo-se, pelo contrário, de extrema radicalidade. Attilio Danese, ao tratar da “questão feminina” na obra de Mounier, escreve:

O problema da questão feminina é percebido de maneira feliz, no alcance revolucionário e dramático que ele tem para o mundo contemporâneo, como o despertar da exigência do ser pessoal das mulheres. Num período de desatenção à questão feminina por parte dos ambientes culturais em geral, e de suspeita em particular por parte do mundo católico, a atenção de Mounier a este problema testemunha a liberdade do personalismo com relação aos paradigmas usuais de referência, na escuta de tudo o que emerge na sociedade e na história e que pode ser colhido como estímulo positivo, na linha da personalização e das suas consequências no plano social e político. (DANESE, 1984, p. 227).

E é com esse tom de urgência que o tema aparece em várias de suas obras, como tentaremos mostrar, ainda que brevemente, nos limites de um artigo. Se Mounier o retoma em seu livro derradeiro, ele o faz no contexto de suas propostas mais amadurecidas e mais concretas, de uma “revolução do século XX”, que ele imaginava acontecendo já, e que não aconteceu.

Ao tratar da “sociedade familiar” e da “condição dos sexos”, Mounier retoma, no livro citado, *O Personalismo*, o que ele denomina “o problema da condição da mulher”, e escreve:

Seria demasiado ingênuo censurar à respeitabilidade burguesa de ter inventado o farisaísmo sexual. Ela o desenvolveu, contudo, de formas particularmente odiosas, nascidas do medo e do interesse. A moral seria melhor servida por um pouco de lucidez e de perspectivas menos baixas. Vemo-lo ainda no vasto problema da condição da mulher. Ainda não se desvendou, no seu “pseudo-mistério”, o permanente e o histórico. Não é nem a suficiência masculina, nem a exasperação das feminilidades vingadoras, que esclarecerão o problema. É, no entanto, verdade que o nosso mundo foi feito pelo homem e para o homem, e que as reservas do ser feminino são daquelas em que a humanidade menos tem ido beber. Como desenvolvê-las até ao limite seus recursos, sem as aprisionar nas suas funções, como integrá-las num mundo e integrar-lhes o

modo, quais os novos valores, qual a nova condição que este projeto implica, eis outras tantas questões e tarefas para todos os que quiserem atribuir pleno sentido à afirmação: *a mulher também é uma pessoa*. (MOUNIER, 2004, p. 126).

A citação acima merece três destaques. Primeiramente, como em outras obras, Mounier se refere ao problema em termos de “a condição da mulher”, entendendo, desse modo, que não se trata apenas de um problema abstrato, mas sim concreto, existencial, histórico e, como tal, permanente, desde sempre, através da história. Em segundo lugar, ele trata do problema, como em outras obras, no contexto de uma proposta revolucionária, que aqui ele exprime nas palavras “a nova condição que este projeto implica”. E o “projeto” se refere à “Revolução do século XX”, proposta novamente no livro *O Personalismo*. Como último destaque, observo que Mounier repete aqui a afirmação de 1936: “A mulher também é pessoa”. E aqui não se trata apenas de um destaque semântico, mas daquela concepção filosófica central em toda a obra de Mounier, como também e em todos os filósofos que nomeamos, quando falamos em “Personalismos” ou “Filosofias da pessoa”, contra a tradição iluminista, liberal, neoliberal e capitalista, de considerar o ser humano apenas como “indivíduo”.

Attilio Danese, grande estudioso contemporâneo da obra de Mounier, percebeu com muita clareza o alcance histórico dessa abordagem de Mounier, na perspectiva de um novo projeto de civilização, a realizar-se através da Revolução do século XX. Nesse sentido, ele escreve: “O problema da questão feminina é intuído de forma feliz, no alcance revolucionário e dramático que o mesmo tem para o mundo contemporâneo, como o despertar da exigência do ser pessoal da mulher” (DANESE, 1984, p. 227).

Além desse alcance revolucionário da emancipação feminina, afirmada com veemência por Mounier, como o percebeu muito bem Danese, é de fundamental importância esclarecer que este autor trata da “questão feminina” relacionada com o tema da “alienação política” vista como “mutilação da pessoa”. Em se tratando de alienação, pensa-se inevitavelmente em Marx. Mas, para deixar clara a diferença profunda, Danese cita Campanini, segundo o qual, ao tratar da ideologia, Mounier, mais do que com Marx, se afina com a concepção de Proudhon, em sua obra *Anarquia*. A diferença não se reduz a detalhes, mas é fundamental. Segundo Danese (1984, p. 227):

Sobre este ponto o pensamento mounieriano se afasta daquele de Marx, que qualifica a alienação acima de tudo como fruto de relações injustas de produção, para escolher, mais de acordo com uma filosofia da pessoa, tratar a alienação de forma global, mas não genérica, como perda da dignidade da pessoa e da sua possibilidade de ser tal, bloqueada no seu desenvolvimento pela exclusão

do âmbito das decisões econômicas e políticas, como também das dimensões culturais e espirituais.

No capítulo VI de seu livro *Feu la Chrétienté*, traduzido no Brasil com o título *Quando a Cristandade morre*, Mounier faz uma excelente análise da sessão de 1937 das “Semanas Sociais”, que naquele ano completavam seu vigésimo aniversário. Um dos conferencistas, o Cônego Tiberghien, discorreu sobre o tema “A Pessoa da Mulher”. Mounier informa que “o público afluiu sobremaneira numeroso [...]”. Depois comenta: “A atenção dos ouvintes e a impaciência das mulheres esperavam sem dúvida a exposição em dois pontos-chave: a famosa “subordinação” da mulher e a função da maternidade” (MOUNIER, 1972, p. 179).

Mounier esclarece que a “exposição se deveu em parte a um diálogo” com o número especial da revista *Esprit* sobre o assunto, número denunciado por um “austero” teólogo leigo, Sr. Jean Daujat, como beirando a heresia. Como que reagindo, Mounier pondera: “O Cônego Tiberghien nos consola, e destaca alguns questionamentos mais incisivos, citados de *Esprit*: Como pode coexistir a subordinação essencial da mulher ao homem com igualdade essencial dos sexos e sua natureza de pessoa? [...] Só a pessoa em primeira linha: uma pessoa em segunda linha já não é pessoa” (MOUNIER, 1972, p. 179).

Mounier comenta: “O que é para outra pessoa não é pessoa”. O conferencista mostra que a mulher não pode ser reduzida à maternidade que, além disso, não se restringe a uma vocação biológica, “mas como aspecto essencial de toda a vocação feminina”, e explica: “[...] ao passo que o modo masculino faz o homem principalmente *homo faber*, um ser que *constrói alguma coisa*, o modo feminino seria a maternidade essencial que é de *eleva as pessoas*: bem longe de ter que invejar o homem” (MOUNIER, 1972, p. 181). Sobre a fala do Cônego Tiberghien, Mounier (MOUNIER, 1972, p. 181) observa que ele:

[...] conserva evidentemente certo conteúdo e certo valor das afirmações paulinas; é um tanto elíptico quanto a isto; espero não o interpretar equivocadamente ao dizer que ele vê no marido um chefe administrativo em vez de um chefe político e sendo o domínio sobre o lar e não sobre a pessoa da mulher.

O comentário de Mounier deixa claro que, nessa interpretação, ele não concordava com o palestrante. Aqui poderíamos acrescentar que as “afirmações paulinas”, muito depreciativas quanto à mulher na Igreja, que o conferencista não teve a coragem que Mounier teria de questionar, deviam expressar os preconceitos da cultura judaica da época, não propriamente a palavra de Deus.

Mounier observa, em sua análise, que participavam, como palestrantes, naquela “Semana Social”, vários companheiros da revista *Esprit*, e alguns teólogos que foram precursores do Vaticano II e consultores do mesmo, durante sua realização. No livro citado acima ele nos fornece uma informação importante: “A Igreja da França, com a pequena legião de pensadores religiosos de todas as escolas e pelas iniciativas que surgem de seu seio, detém na atualidade um lugar de liderança na Igreja Universal” (MOUNIER, 1972, p. 181). O próprio Mounier é considerado, por vários eminentes teólogos, um dos precursores leigos do Vaticano, segundo Andreola (1985), havendo inclusive uma tese de doutorado de um sacerdote belga sobre o assunto. Mounier e os companheiros da revista *Esprit* mantinham frequentes diálogos com grandes teólogos da época, como aconteceu no encontro de 1 e 2 de novembro de 1947, em Châtenay-Malabry (BULLETIN, 1980).

De qualquer modo, a ênfase dada ao tema da mulher por Mounier no livro *Quando a cristandade morre*, e pelos palestrantes daquela “Semana Social”, nos revela que ele estava sendo seriamente debatido, tanto no campo da filosofia quanto da teologia. No livro *Tratado do caráter*, escrito por ele durante os dois anos em que viveu na clandestinidade, Mounier se refere inúmeras vezes à mulher. Destacaremos algumas passagens que nos parecem mais atinentes ao tema da condição feminina. Ao tratar do “ser interior”, ou do “homem interior”, que se contrapõe ao homem “absorvido pela observação sensível, pela indústria, pelas relações utilitárias, ou pelo movimento social”, ele pondera que “o homem interior” se distingue “por um poder de intuição constantemente nutrida pela zona ‘subliminal’ do eu [...]”. Observa, porém, que tal poder de intuição “se vê melhor na mulher, geralmente mais próxima do que o homem da vida ‘subliminal’, e que atinge muitas intuições justas sem poder justificá-las” (MOUNIER, 1961, p. 572).

Quanto à origem do sentimento de superioridade ou de inferioridade, Mounier explica que este se instala na pessoa “como uma levedura ativa que penetra e fermenta toda a massa da personalidade” (MOUNIER, 1961, p. 597). Na explicação desse fenômeno, ele cita Adler, segundo o qual a criança, no seu sentimento de fragilidade com relação à superioridade que atribui às pessoas adultas à sua volta, representa para si essa relação de inferioridade e superioridade segundo este dúplice esquema:

- Fraqueza, inferioridade, pequenez, baixo = feminino;
- Força, superioridade, grandeza, alto = masculino.

É óbvio que esse sentimento não é congênito. Na sua relação mais constante e profunda com a mãe, nos primeiros anos de vida, ela não vê a mãe como alguém

de algum modo inferior. Tal percepção será inconscientemente elaborada como resultado das relações ulteriores, numa cultura preconceituosa de superioridade e inferioridade.

No capítulo XI daquela obra, ao falar da inteligência, depois de relacionar, sob vários ângulos, a inteligência com a corporeidade e com a sexualidade, Mounier afirma: “É também muito difícil distinguir cientificamente a inteligência do homem daquela da mulher. Falseia-se o problema desde o início caso se queira estabelecer entre eles uma superioridade ou uma inferioridade global” (MOUNIER, 1961, p. 605).

No mesmo livro *Tratado do Caráter*, Mounier cita várias vezes as pesquisas de Heymans e de Gina Lombroso, de acordo com as quais ele considera que os interesses da mulher são “pouco propícios às atitudes intelectuais abstratas”, e mais inclinados aos “valores afetivos”. E afirma: “Sua inteligência se inclina para as totalidades e para as sínteses com valor afetivo”. Na mesma linha de raciocínio, sobre a força da emotividade na mulher ele afirma que “a evolução sintética de seu espírito o torna mais inventivo do que aquele do homem, sempre sobrecarregado de raciocínios”, e acrescenta: “Gina Lombroso relaciona essa inventividade com o gênio materno. Por meio dele, a mulher que a sorte eleva acima de sua condição primitiva se sobressai mais rapidamente do que o homem” (MOUNIER, 1961, p. 608).

Giulia Paola Di Nicola, na sua fala em Roma, dedicou várias páginas ao problema da pretensa inferioridade de força e de inteligência da mulher com relação ao homem. Já o título escolhido por ela é provocativo: “O modelo da mulher forte”. Escrevi “provocativo”, porque penso que é historicamente ideológica e preconceituosa a qualificação da mulher como “o sexo frágil”. Para motivar as mulheres a superarem “o torpor ao qual foram condicionadas”, Di Nicola lembra que Mounier faz apelo aos grandes perfis de mulheres fortes da história bíblica e parece fazer seus os apelos ao senso de “virilidade”, do qual falava Catarina quando queria dar densidade à “virtude”. Por isso “*vir-ilidade*” no seu sentido originário, etimológico, de “*vir-tude*” e não o que lhe é atribuído, historicamente, no sentido preconceitualmente machista de atributo masculino. Certas palavras nos chocam, à primeira vista, dada a carga de semântica histórica, não fiel à etimologia e à significação original da palavra. Com certeza, porém, “o modelo de mulher forte”, do título adotado por Di Nicola, e a “virilidade” proposta por Santa Catarina de Siena, não têm nada a ver com o modelo de força de Madame Margaret Thatcher, a “dama de ferro”. Ou seja, a “força da mulher” não pode ser a força de dominação do homem, uma força que historicamente sempre se desdobrou em ambição, ganância, competição,

violência, opressão e infinitas formas de guerra. Paulo Freire falou e escreveu sobre a necessidade urgente de “reinventar o poder”. Esta parece que deva ser a vocação da mulher, na transformação do mundo, que os homens povoaram de campos de batalha, bolsas de valores e tráfico de vidas humanas.

No livro *Les Certitudes difficiles* (As certezas difíceis), Mounier dedica o capítulo V ao tema “Du bonheur” (Do bem-estar), que versa inteiramente sobre a Suécia, o país então, talvez, com o mais elevado nível de desenvolvimento e, conseqüentemente, de bem-estar de toda a população. Numa análise muito atenta das condições de vida da mulher sueca, ele escreve: “Fala-se, no estrangeiro e lá mesmo, como de uma mulher liberta, feliz- ela trabalha fora com muito mais frequência do que entre nós e conquista assim, como diria Simone de Beauvoir, sua transcendência” (MOUNIER, 1963, p. 277).

Quanto à estrutura da família na Suécia, Mounier observa:

Pela legislação de 1920 o homem deixa de ser o chefe e o sustento da família: marido e mulher têm ambos o dever de prover as necessidades do lar, a mulher tem o direito de receber quantias regulares do salário do marido para as despesas da casa. (MOUNIER, 1963, p. 277).

Essa situação de liberdade da mulher, segundo Mounier: “[...] responde a uma velha tradição: nas civilizações nórdicas pré-cristãs, onde a posição e a liberdade da mulher são muito fortes”.

No plano familiar e social ele constata que “[...] coincidindo com esta irrupção profissional da mulher, há uma queda da curva tal de nascimentos”, que o leva a dizer: “Pode-se falar de uma verdadeira greve da maternidade”.

Mounier é bastante pessimista com respeito a uma autêntica realização humana da população em geral, na Suécia. Quanto à mulher ele pergunta: “A mulher é feliz desta situação?”. Ele acha que, em toda aquela realidade sueca, “pode haver uma maneira de emancipar que não liberta”.

Referindo-se à crítica feita por Mounier ao “modelo sueco”, em seu texto “Du Bonheur”, Danese observa que tal crítica vale para qualquer solução, ligada a humanismos que não contemplem “aquela tensão espiritual e ideal proposta pelo personalismo”. E na questão de busca do bem-estar, segundo Danese (1984, p. 222): socialismos e socialdemocratismos burgueses são cúmplices – citando Mounier – numa idêntica “ética burguesa ou pequeno-burguesa que reduz a revolução a uma mudança de pessoal no mundo do conforto, da riqueza e da estima social”.

Na perspectiva dessa abordagem radical da questão feminina, cabe questionar



quais movimentos feministas se situariam realmente na perspectiva de uma transformação revolucionária da situação da mulher e, conseqüentemente, das estruturas políticas, econômicas e sociais da sociedade, tanto nos países capitalistas, quanto dos que “se consideram” socialistas.

A respeito do sentido de emancipação autenticamente libertadora da mulher, Mounier e o grupo “Esprit” ofereceram propostas muito concretas. Em seu livro *Les Certitudes difficile* (MOUNIER, 1963), ele traz um título desafiador “É necessário re-fazer a Declaração dos Direitos?” – referindo-se à Declaração de 1889. Aceitando o desafio expresso na pergunta, ele e o grupo *Esprit*, a partir de longas e sérias discussões, laboraram a “Declaração dos Direitos das Pessoas e das Comunidades”, que, na França, “foi uma das bases, como ponto de partida para a Comissão da Constituição de 1945”. De passagem, cabe ao menos salientar um detalhe fundamental: trata-se dos direitos “da pessoa e da comunidade”, em contraponto aos “direitos do indivíduo”, concepção inspirada no Liberalismo, base da Declaração de 1889 e igualmente da *Declaração dos Direitos do Homem* de 1789. No artigo 25 da nova “Declaração” lemos:

A mulher não pode ser tratada de modo algum como pessoa inferior. A lei lhe garante um status de dignidade equivalente àquele do homem na sua vida pública e na sua vida privada. A capacidade civil da mulher casada pode ser modificada pelos regimes matrimoniais na medida necessária à administração dos bens próprios e comuns. (MOUNIER, 1963, 102).

No dia 24 de outubro de 1949, Mounier escreveu a uma amiga uma carta que, no estilo sintético de três páginas, contém um verdadeiro tratado de educação autêntica da mulher. Querendo “ajudá-la, se possível, a enfrentar com maturidade a vida” ele procura medir as palavras, para não magoar a amiga, confessando que teve “medo de falar, por dois motivos”. O primeiro, ele o exprime dizendo: “[...] você é por demais menininha para a sua idade”. E argumenta: “A nossa educação cristã, com muita frequência, sob pretexto de manter-nos na infância espiritual, nos inculca o infantilismo”, que nos leva a permanecer “subdesenvolvidos espirituais até a morte”. E acrescenta que vê nela “aquele infantilismo da alma” que ela precisa eliminar de vez, porque é chegado o momento “de ser completamente mulher, ou seja, um ser espiritual adulto, que não recua diante de nada e que não se agarra à própria adolescência”.

O segundo motivo de seu medo de falar diz que precisa explicitá-lo, “mesmo com o perigo de ser brutal”. E prossegue: “Você tem uma mãe que você ama, e da qual é amada, mas o amor materno tem seus aspectos frágeis”. Esclarece que se

trata de um afeto super-protetor e possessivo, o qual pretende que permaneçamos perenemente crianças, uma situação, segundo ele, “muito conhecida pelos psicólogos”. Trata-se de um vínculo que ela precisa romper, para seguir sua “vocação maior”. Mounier resume sua mensagem com um apelo: “Seja lúcida, siga a sua vocação, e todos os seus familiares receberão muito mais de você, na franqueza e no despojamento recíproco. Você se doará então na verdade (MOUNIER, 1963, p. 825)”.

É impossível não citar o final dessa carta, um testemunho raríssimo de como é preciso assumir, com todo o cuidado, sim, mesmo porém que seja impossível prever o que vai ferir e o que vai prevenir ferimentos piores. Leiamos:

Você me perdoará este longo sermão. Pode ser que ele não faça outra coisa senão arrombar portas abertas. Ria-se então de mim. Pode ser que ele fira? Então Deus faça que estas feridas de minha mão desajeitada se tornem suas feridas e a fortaleçam. Mas eu não resisti a estender-lhe uma mão. Estive acaso errado? (MOUNIER, 1963, p. 825-826).

Comentando essa carta, Di Nicola escreveu:

A uma jovem amiga renitente avessa a uma ideia de matrimônio, precisamente por ter introjetado uma falsa ideia de espiritualidade, recomenda que recupere a própria “virilidade”, aproveitando para denunciar o costume comum no mundo feminino, especialmente o burguês e o católico, de refugiar-se numa infância psíquica e espiritual, de manter-se presa ao familismo, ao ideal da alma bela, aos bons sentimentos, aos laços de sangue, sem assumir responsabilidades pessoais e sociais. Ele, com o risco de parecer odioso, pede à sua amiga que quebre a atrofia do espírito, que olhe de frente a realidade e corte o cordão umbilical do “mamismo”. (DI NICOLA, 2005, p. 221).

Ao tratar da vida privada e da família, depois de afirmar que “os homens sabem o que lhes será pedido na vida: ser bom técnico de alguma coisa, e bom cidadão”, referindo-se às mulheres, Mounier proclama:

Elas são errantes. Elas vagueiam em si mesmas, em busca de qual natureza elas mesmas não sabem. Elas vagueiam em torno da cidade cujas portas estão para elas fechadas. [...] E é neste caos de destinos falidos, de vidas na espera, de forças perdidas, sem dúvida, que está a mais rica reserva de humanidade, uma reserva de amor, para fazer explodir a cidade dos homens, a cidade fechada, egoísta, avarenta e mentirosa dos homens. Força intacta ainda. Não se tem a noção de qual a palavra certa ao se falar em desperdício. Este milagre de amor que reside na mulher, em lugar de desenvolvê-lo, de promovê-lo em cadauma, para que ela possa ofertá-lo depois à comunidade, fizeram dele uma mercadoria como qualquer outra, uma força entre as outras, no jogo das mercadorias e das forças. (MOUNIER, 1961, p. 560).

Depois de citar diretamente várias obras de Mounier, sobre a condição feminina, não posso omitir algumas ideias ainda de Giulia Paola Di Nicola, talvez a mulher que mais ampla e profundamente escreveu sobre a temática da condição feminina nas obras de Mounier. A autora nos trouxe duas sínteses extremamente densas de seu pensamento em suas intervenções nos dois colóquios internacionais, o que foi realizado na UNESCO, em Paris, no cinquentenário da morte de Mounier, no ano 2000, e o comemorativo do centenário de seu nascimento, em 2005, que teve lugar em Roma. Di Nicola, já no início de sua fala, em Roma, referindo-se ao número especial de *Esprit* dedicado, em 1936, ao tema da mulher, observa que:

Para o grupo de amigos que partilhavam a inspiração personalista, não era possível deixar de colocar o dedo na chaga, mesmo que a previsão fosse de que a receptividade não seria boa. Feministas demais para os católicos, e católicos demais para as feministas, os artigos de *Esprit* constituem hoje um documento que testemunha o forte sentido da direção da história para Mounier. (DI NICOLA, 2005, p. 221-222).

Quanto à reação católica, é fácil entendê-la se lembrarmos, de acordo com Di Nicola, que o personalismo foi vigorosamente crítico para com o catolicismo da época, comprometido “com a desordem estabelecida, numa aliança entre o capitalismo e o farisaísmo religioso”. Naquele contexto, segundo a autora: “Na cultura do ter, tanto o homem quanto a mulher vivem um processo de despersonalização, que mutila a vocação humana mais profunda, com total vantagem da eficiência e da funcionalidade socioeconômica” (DI NICOLA, 2005, p. 223).

Giulia Paola analisa, com rara inteligência, as posições corajosas e claras de Mounier sobre a questão feminina, expondo as diferenças dele com relação ao marxismo, ao existencialismo e às concepções conservadoras da Igreja Católica. Quanto ao marxismo, não obstante sua abertura ao diálogo respeitoso, e à valorização das contribuições realmente positivas, nos campos científico e social, Mounier não deixa de apontar seus limites, sua total omissão no que tange à alienação e opressão da mulher, e ao menosprezo da família, em nome do coletivo. No contraponto, porém, Mounier não se omite a respeito das concepções conservadoras da Igreja Católica sobre a família, que acabam justificando a condenação da mulher ao confinamento doméstico e a uma submissão ao homem, em desacordo com sua dignidade, como pessoa humana, e sua alienação política, social e cultural.

Michelle Perrot, outra eminente participante no Colóquio de Paris, no ano 2000, se detém sobre dois escritos de Mounier, o artigo da revista *Esprit* e sua análise do livro *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir. Do artigo de 1936, ela salienta sua

“forte crítica” ao pensamento católico que vigorava, naquela época, relativamente à mulher. Para avaliar o “tom crítico” daquelas páginas, bastaria uma frase por ela destacada: “Nada é mais pobre do que a literatura cristã contemporânea sobre os problemas da mulher”. Na mesma ocasião Perrot declarou:

A igreja permanece mais inflexível do que nunca em suas posições no que se refere a hierarquia sexual, casamento, sexualidade. Os trabalhos de Martine Sèvegrand têm mostrado esta intransigência e a tensão crescente que disto resulta com os casais católicos. (PERROT, 2005, p. 343).

No que tange ao existencialismo, Di Nicola escreve:

Quando aparece o livro *Le deuxième sexe* de Simone de Beauvoir, Mounier reage logo com uma resenha na revista *Esprit*, declarando-se completamente de acordo em lutar contra o “falso mistério feminino” e reivindicando tal denúncia à sua intuição de 1936. Ele percebe a distância com relação ao seu personalismo, mas mesmo assim admira a veemência da autora, o estilo agradável, preferindo acolher os aspectos de concordância. (DI NICOLA, 2005, p. 227).

Depois de explicitar as discordâncias, Di Nicola cita frase do próprio Mounier, segundo o qual se poderia retomar o jogo de palavras de Bergson: “Por causa do medo da passividade da graça feminina ela recusa qualquer graça” (DI NICOLA, 2005, p. 227).

Referindo-se ao livro “O Segundo Sexo”, por sua parte Michelle Perrot escreveu que, opondo-se à crítica quase geral com que o livro foi recebido, Mounier o defendeu como “um livro honesto”. Segundo ele: “Um tom de seriedade, de gravidade feminina o habita [...]”. Perrot salienta ainda: “Mounier adere à tese central do livro, de que não há uma natureza, uma essência feminina, que ele lembra ter sido a posição do número especial de *Esprit* em 1936” (PERROT, 2005, p. 340).

Mounier exprime, contudo, reservas, sobretudo aos fundamentos existencialistas, à própria concepção da emancipação e liberdade da mulher, como também a uma visão pessimista da família. Não obstante as restrições de Mounier, ao livro de Simone de Beauvoir, Di Nicola (2005, p. 228) escreve:

As avaliações críticas nada tiram ao mérito da Beauvoir de desafiar a cultura contemporânea, ajudando as mulheres a tomar consciência de si, mesmo que tenham sido deixadas depois numa inquietação nunca resolvida, incapaz de dizer uma palavra positiva sobre a identidade da mulher.

As valiosas intervenções de Giulia P. Di Nicola no Colóquio de 2005, centenário de Mounier, e no de 2000, cinquentenário da morte dele, associadas a outras

publicações suas não citadas neste artigo, mais o encarte especial intitulado “Donna”, que ela mantém há vinte e três anos na revista internacional *Prospettiva/Persona*, sinalizam-na como uma das mulheres que mais contribuem hoje para o debate sobre a “condição de mulher”, na óptica do personalismo mounieriano.

A mulher que busca sua libertação como indivíduo, enfrentará, mesmo na liberdade conquistada, os limites e as amarras do individualismo, se não puder abrir-se, como pessoa, à alteridade e à transcendência, na plenitude de sua vocação humana.

Os questionamentos ao Cristianismo, ou melhor, à Igreja Católica de sua época, perpassam dolorosamente muitas páginas das obras de Mounier, mas principalmente duas: *L’Affrontement Chrétien* (MOUNIER, 1962) e *Feu la Chrétienté* (MOUNIER, 1946) traduzido com o título *Quando a Crisandade morre*. Deste livro, já citado, escrito por Mounier em 1946, baste-nos trazer, como conclusão, meio parágrafo:

A morte se aproxima. Não a morte do cristianismo, mas a morte da cristandade ocidental, feudal e burguesa. Uma cristandade nova nascerá no futuro, de novas camadas sociais, cedo ou tarde, e de novos enxertos extra-europeus. É preciso que não a sufoquemos com o caráter da outra. (MOUNIER, 1972, p. 17).

## REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino Antonio. *Emmanuel Mounier et Paulo Freire: une pédagogie de la personne et de la communauté*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Université Catholique de Louvain, Louvain-la-Neuve, 1985.

BULLETIN DES AMIS D’EMMANUEL MOUNIER, n. 54, Châtenay-Malabry, oct. 1980, p. 2-30.

DANESE, Attilio. *Unità e Plurarietà*: Mounier e il ritorno alla persona. Roma: Città Nuova, 1984.

DI NICOLA, Giulia Paola. Mounier e le sfide del femminismo. In: TOSO, Mario; FORMELLA, Zbigniew; DANESE, Attilio (Org.). *Emmanuel Mounier. Persona e Umanesimo relazionale*. Roma: LAS, 2005. v. I.

MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. Tradução de Vinícius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Quando a cristandade morre*. Tradução de Nathanael C. Carneiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

\_\_\_\_\_. *Manifesto ao serviço do personalismo*. Tradução de António Ramos Rosa. Lisboa: Moraes, 1967.

\_\_\_\_\_. *Correspondence*. Paris: Seuil, 1963. p. 823-826. (Oeuvres, Tomo IV).

\_\_\_\_\_. *Révolution personaliste et communautaire*. Paris: Seuil, 1963. p. 127-416. (Oeuvres, Tomo I).

\_\_\_\_\_. *L'Affrontement chrétien*. Paris: Seuil, 1962. p. 7-66. (Oeuvres, Tomo III).

\_\_\_\_\_. *Traité Du Caractère*. Paris: Seuil, 1961. (Oeuvres, Tomo II).

\_\_\_\_\_. *Feu la chrétienté*. Paris: Seuil, 1946.

PERROT, Michelle. Emmanuel Mounier et la question des femmes. In: COQ, Guy (Org.), *Emmanuel Mounier, L'actualité d'un Grand Témoin*. Paris: Parole et Silence, 2005. v. II

### **Sobre o autor:**

**Balduino Antonio Andreola:** Pós-doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Ciências da Educação e Mestre em Psicopedagogia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica; Mestre em Educação pela UFRGS; Bacharel em Filosofia pelo Seminário Central de São Leopoldo; Bacharel em Teologia pelo Instituto San Pietro, Itália; Licenciado em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle de Canoas (UNILASALLE). **E-mail:** baldo.andreola@gmail.com

**Recebido em maio de 2016.**

**Aprovado para publicação em junho de 2017.**